



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
COLEGIADO DOS CURSOS DE CINEMA

ISABELA MARIA SANTOS SILVA

**A “LOUCURA” RETRATADA PELO CINEMA ATRAVÉS DA ANÁLISE DE DOIS
FILMES DE COMÉDIA**

Pelotas/RS

2018

ISABELA MARIA SANTOS SILVA

**A “LOUCURA” RETRATADA PELO CINEMA ATRAVÉS DA ANÁLISE DE DOIS
FILMES DE COMÉDIA**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema de Animação no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Orientadora: Prof.^a Dra. Nadia Miranda Leschko

Pelotas
2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço e dedico este trabalho a minha vó, Izabel, que diante de todas as adversidades e loucuras da vida, sempre se mostrou forte, provocando em mim a vontade e inspiração para escrever sobre este assunto.

Agradeço aos meus pais, Rosana e Claudinei, que sempre acreditaram em mim e me fizeram quem sou, me incentivaram e apoiaram durante todo meu percurso, mesmo com tantos quilômetros entre nós.

A Bruna, que mais do que minha companheira, é quem me ajuda a ser uma pessoa melhor, enfrentando comigo todas as adversidades, me apoiando e inspirando a correr atrás dos meus sonhos.

Aos meus melhores amigos, Gabriel e Priscila, que acompanharam a minha jornada e deixaram tudo mais leve, estando sempre presentes.

A minha orientadora, Nadia Leschko, e aos professores da banca, Maurício Gonçalves e Ana Paula Penkala, que se dispuseram a enfrentar os desafios acadêmicos comigo.

Por fim, agradeço a todos que me ajudaram a chegar onde cheguei, e que direta ou indiretamente, fizeram possível a realização deste trabalho.

RESUMO

O cinema é uma importante ferramenta midiática e trabalha através de representações para transmitir as informações desejadas. Inúmeras obras trabalham na intenção de retratar a loucura, aqui apresentada como sofrimentos psíquicos, sendo esse um assunto bastante sensível, principalmente quando abordado na perspectiva da comédia. Neste sentido, é importante avaliar as informações transmitidas pelos filmes, principalmente quando é tratado um assunto tão importante, sendo esse o propósito deste trabalho.

Palavras-chave: cinema; loucura; representação; comédia.

ABSTRACT

Cinema is an important media tool and works through representations to convey the desired information. Many works are intended to portray the madness, here presented as psychic sufferings, which is a very sensitive subject, especially when approached from the perspective of comedy. In this sense, it's important to evaluate the information transmitted by the films, especially when an important subject is dealt with, and this is the purpose of this work.

Keywords: cinema; madness; representation; comedy.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Cartaz do filme Eu, Eu mesmo e Irene.....	17
Figura 2. Cartaz do filme Procurando Dory.....	17
Figura 3. Dory e as conchas.....	19
Figura 4. Charlie em conflito.....	21

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. APONTAMENTOS HISTÓRICOS SOBRE OS SOFRIMENTOS PSÍQUICOS.....	11
3. EMBASAMENTO TEÓRICO.....	14
3.1 O recorte.....	15
4. ANÁLISE DOS FILMES ESCOLHIDOS.....	17
4.1 Dory e a perda de memória.....	18
4.2 Humor adulto.....	20
4.3 Análise comparativa.....	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
6. REFERÊNCIAS.....	27
7. REFERÊNCIAS FÍLMICAS.....	29

1. INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, a indústria cinematográfica constantemente se utilizou de personagens com sofrimentos psíquicos para narrar suas histórias, dispondo-se de diversos tipos de representações para isso, apresentando-o muitas vezes como agressivo, perigoso, atrapalhado, engraçado, incompreendido, ou simplesmente "o louco", onde, geralmente são tipos pouco realistas, até mesmo caricaturais.

Por isso é importante fazer a ponderação de como esses personagens com algum tipo de sofrimento psíquico são representados nas obras cinematográficas, e como essas representações são feitas.

Sendo assim, o tema central que norteia esse trabalho é a “loucura” retratada pelo cinema, analisando suas versões e variações, considerando as representações dos sofrimentos psíquicos em obras cinematográficas.

O cinema, sendo uma ferramenta de grande influência no cotidiano das pessoas, pôde fazer com que muitas vezes a “loucura” fosse algo a ser temido, debochado, e excluído da sociedade. A palavra loucura foi se tornando banalizada e, atualmente, é notável como acaba sendo utilizada para diagnosticar qualquer situação da vida do indivíduo que saia do padrão “normal” de ordem, seja para falar sobre o caos de seu cotidiano, sentimentos, ações ou comportamento. E neste sentido, no cinema não acontece muito diferente. Em *O fabuloso destino Amélie Poulain* (Jean-Pierre Jeunet, 2001), para perturbar seu vizinho, a personagem principal invade sua casa e tira algumas coisas do lugar, mudando, por exemplo, o sentido da maçaneta, para fazer com que ele se sinta desorientado, sentir que estava enlouquecendo. Essa cena explica o pensamento de que uma vida comum necessita do mínimo de ordem, de modo que qualquer acontecimento fora do normal, causa desconforto.

Por isto, este trabalho contará um pouco da história que cerca a construção da imagem da pessoa com esse tipo de sofrimento no cinema, de modo que, com o passar do tempo e com o avanço nos estudos sobre a mente humana, essa representação tem apresentado certa tendência a evoluir e melhorar, considerando personagens mais fiéis a realidade, podendo inclusive ser utilizada como meio de estudo para pesquisadores da área da saúde, bem como para os amantes da sétima arte.

Para a escrita deste trabalho, primeiramente, foi preciso escolher uma expressão ética e profissionalmente correta para que se pudesse abordar esse assunto. Como o presente trabalho possui um viés mais artístico, cinematográfico, e não focado na área da saúde, encontrou-se diversos termos médicos durante a pesquisa do mesmo. Houve a compreensão

que a expressão doente mental trouxe muito estigma ao longo dos anos, e que deveria ser evitada. Entendeu-se que qualquer palavra semelhante a transtorno, distúrbio ou doença, mesmo que tecnicamente corretas, podem limitar e reduzir a pessoa a uma patologia, na qual a doença passa a ser o grande foco, e se esquece do humano. Salvas exceções quando esses termos realmente fazem parte da nomenclatura.

Deste modo, o termo escolhido para referenciar as situações aqui contempladas será “sofrimento psíquico”, uma vez que isso nos permite questionar o sofrimento humano a partir da situação psíquica do indivíduo, indo além das descrições do quadro psicopatológicos, assim como JANUÁRIO e TAFURI¹ (2009) e BELFORT² (2009) bem colocam em seus artigos.

A partir das categorias de análise que serão apresentadas, a comédia foi o gênero escolhido para análise, onde serão estudados os filmes *Procurando Dory* (Andrew Stanton e Angus MacLane, 2016) e *Eu, eu mesmo e Irene* (Bobby Farrelly e Peter Farrelly, 2000).

Os dois principais trabalhos que estão dando aporte a este trabalho são:

➤ A dissertação de mestrado *Cinema: representação e loucura* (2004), do doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, Diogo Albino Benoski, que analisa a figura da pessoa com sofrimento psíquico construída pelo cinema através da escolha de alguns filmes.

➤ O livro *Cinema e loucura: conhecendo os transtornos mentais através dos filmes* (2010), escrito pelo doutor em Neurociência Comportamental, Jesus Landeira-Fernandez, juntamente com o doutor em Psiquiatria, Psicanálise e Saúde Mental, Elie Cheniaux, que, semelhantemente a um catálogo, lista os sofrimentos psíquicos e utiliza os filmes para auxiliar na compreensão dos mecanismos dos mesmos.

O objetivo geral deste trabalho é entender como a imagem da pessoa com sofrimento psíquico pode ser construída nos produtos cinematográficos, analisando criticamente os dois filmes escolhidos. Os objetivos específicos se dividem em:

- Mapear alguns filmes que tratam de sofrimento psíquico;
- Delimitar um recorte na produção conforme gênero e conforme o contraponto que os filmes estabelecem;
- Estabelecer critérios/categorias de análise;

Textos de referência que dão suporte ao uso do termo “sofrimento psíquico”

¹ JANUÁRIO, L. M.; TAFURI, M. I. **O sofrimento psíquico grave e a clínica com crianças**. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000200007>. Acesso em 23 out. 2018

² BELFORT, C. **Loucura, doença ou sofrimento psíquico?** Disponível em <<https://brasil.estadao.com.br/blogs/sinapses/loucura-doenca-ou-sofrimento-psiquico/>>. Acesso em 23 out. 2018

➤ Analisar como os filmes selecionados tem retratado pessoas com sofrimentos psíquicos através da comédia.

A premissa deste trabalho é que esses filmes constroem uma imagem dos sofrimentos psíquicos que podem influenciar a compreensão do espectador sobre o assunto, onde a representação é o objeto de pesquisa deste trabalho.

2. APONTAMENTOS HISTÓRICOS SOBRE OS SOFRIMENTOS PSÍQUICOS

Nesse trabalho, serão analisados filmes que apresentam personagens com sofrimentos psíquicos, através da criação de categorias de análise baseadas em como os filmes retratam as pessoas com esses sofrimentos, levando em consideração suas características comportamentais, como quando retratados como agressivos, atrapalhados ou gênios incompreendidos, bem como o gênero do filme.

Para isso, primeiro precisa-se definir o que são esses sofrimentos. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5³ - DSM 5 (2014, p. 64):

Um transtorno mental é uma síndrome caracterizada por perturbação clinicamente significativa na cognição, na regulação emocional ou no comportamento de um indivíduo que reflete uma disfunção nos processos psicológicos, biológicos ou de desenvolvimento subjacentes ao funcionamento mental. Transtornos mentais estão frequentemente associados a sofrimento ou incapacidade significativos que afetam atividades sociais, profissionais ou outras atividades importantes.

Para pensar na construção da representação cinematográfica dos sofrimentos psíquicos, é importante fazer a reflexão em relação a evolução histórica do tratamento da “loucura” e a forma como ela foi sendo vista ao longo dos anos pela sociedade de maneira geral, que consequentemente afeta os produtos audiovisuais.

Inicialmente, na Grécia Antiga, a loucura era vista como uma manifestação sobrenatural. Os indivíduos que falavam ou tinham atitudes incomuns eram considerados profetas. Hipócrates e Platão aproveitavam-se desses episódios na tentativa de compreender o comportamento humano.

Durante a Idade Média, a Igreja Católica detinha grande influência e poder, e considerava qualquer situação atípica como manifestação de seres malignos, fruto demoníaco, lhes restando apenas exclusão social. Aos indivíduos tidos como loucos que confessavam serem bruxos, lhes eram imposto punição ou exorcismo. Já os que possuíam bens ou certa ascensão social, a compra da Santa Inquisição lhes garantia liberdade, assim, sendo visto como “excêntricos”.

Com o início das Cruzadas, a lepra rapidamente se espalhou pela Europa, sendo considerada um símbolo pecaminoso, indicação externa e visível de uma alma corroída e, por

³ Para este trabalho foi utilizada a versão online do DSM 5, as páginas referenciadas estarão de acordo com o PDF disponível em: <https://aempreendedora.com.br/wp-content/uploads/2017/04/Manual-Diagn%C3%B3stico-e-Estat%C3%ADstico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5.pdf>. Acessado em 23 de outubro de 2018

este motivo, deveria ser isolados da sociedade. Inicia-se então a relação da loucura com qualquer outro ser excluídos socialmente, como os leprosos, ladrões, doentes, entre outros.

A segregação do louco se deve à proximidade com a sinistra doença traduzida como presença da morte em vida, como signo do caos e do arrebatamento que incorpora o Mal absoluto e profundamente ambíguo que só pode ser exilado num espaço igualmente difuso e obscuro. (PRADO, 2016)

Com o aparecimento das doenças venéreas, esses espaços excludentes passaram a não ser o suficiente, sendo necessária então, a criação de lugares maiores para suportar a numerosa quantidade de doentes, localizados longe dos olhares de uma sociedade higienista.

Dessa forma, pode-se concluir que as pessoas acometidas de lepra, doenças venéreas e loucura representam os excluídos da sociedade (Foucault, 1972, p. 6), que necessitam com urgência desaparecer da visibilidade das pessoas. Assim, hão de carregar sempre com eles este estigma – a marca da discriminação e exclusão. (CAMARGO, 2003)

Com a importância do comércio, qual adentra o período do Renascimento, a visão higienista fortalece juntamente com a ideia capitalista de produção, rejeitando também aqueles que não participavam do mercado de trabalho. Para isso, embarcações levavam os excluídos para fora da sociedade, ficando conhecida como a “Nau dos loucos”.

A partir do século XVIII, a loucura passa a ser vista como ciência, e a psiquiatria torna-se a responsável em manter encarcerados aqueles que não condiziam com a suposta normalidade. O nascimento dos manicômios se deu com a Revolução Francesa, no qual era permitido o encarceramento apenas das pessoas com sofrimentos psíquicos que, agora, eram vistos como doentes, muitas vezes perigosos, que precisavam de tratamento.

A situação dos manicômios se agravou no final da Primeira Guerra Mundial, no qual os maus-tratos, a repressão, o abandono, as péssimas condições de vida se intensificaram nesses locais. E é nesse momento que se iniciam mais diretamente as representações cinematográficas da loucura, que refletem diretamente o pensamento da época. Até então, prevalecia no cinema uma estrutura narrativa denominada como clássica, que possuía alguns elementos fixos, como personagens bem definidos, pequenas movimentações de câmera, preferência para histórias de amor e comédia, diálogos objetivos, que, de forma geral, trazia mais simplicidade para a narrativa.

Com o fim da guerra, alguns movimentos artísticos foram tomando forma, apresentando filmes mais complexos, que exploravam mais as produções, a montagem, a linguagem e as ferramentas cinematográficas.

O Expressionismo surge em uma Alemanha devastada pela guerra e economicamente fragilizada, e apresenta um filme bastante relevante no contexto psicossocial. O clássico *O Gabinete do Dr. Caligari* (Robert Wiene, 1920), um dos primeiros a abordar o poder da mente como tema central, surge pouco depois de Sigmund Freud, que na época vinha recebendo reconhecimento, e argumentava sobre o uso de hipnose no tratamento de alguns pacientes. Partindo disso, o cinema alemão inicia uma certa tendência mundial em apresentar personagens insanos, ambíguos e, por vezes, tiranos.

No surrealismo francês é apresentado um cinema que foge da lógica clássica das narrativas, trabalhando fortemente com o inconsciente humano, a confusão das imagens mentais, subjetividade e cenas impactantes, sendo bem representado pelo filme *Um Cão Andaluz* (Luis Buñuel, 1929), que transmite uma certa sensação de desorientação e loucura.

Depois de algum tempo, houve o declínio do cinema europeu, e a ascensão do cinema hollywoodiano, sendo até hoje uma grande referência e uma superpotência. Desde então, inúmeros filmes que abordam saúde mental e a complexidade humana já foram criados. O estudo de Gabbard e Gabbard (1999) estima que até 1998, o cinema norte-americano catalogou mais de 450 produções que tratam direta ou indiretamente o sofrimento psíquico, o psiquiatra e os problemas relacionados com a mente humana.

Diante de todo esse cenário histórico, é possível observar que a construção histórica tem um forte impacto nas produções cinematográficas, sendo a loucura, na maioria das vezes associado ao medo e à exclusão social.

3. EMBASAMENTO TEÓRICO

Para a construção deste texto, algumas referências foram imprescindíveis, concentrando-se em duas importantes obras para embasamento teórico. O primeiro teórico, Benoski, escreveu sua dissertação de mestrado analisando a figura da pessoa com sofrimento psíquico construída pelo cinema, através da escolha dos filmes *O Gabinete do Doutor Caligari* (Robert Wiene, 1920), *M, O vampiro de Dusseldorf* (Fritz Lang, 1931) e *Frankenstein* (James Whale, 1931). Essa dissertação está fortemente ligada a este trabalho, considerando que ela utiliza uma metodologia muito semelhante à que aqui se busca, e colabora com a pesquisa sobre como a construção da imagem da pessoa com sofrimento psíquico se iniciou e cresceu através do tempo no cinema.

Os doutores J. Landeira-Fernandez e Elie Cheniaux, têm, além de importantes contribuições para a área da psicologia, o livro aqui referenciado, que embasou fortemente a realização deste trabalho. Semelhantemente a forma de catálogo, apresenta uma lista de sofrimentos psíquicos classificados de acordo com o DSM IV (1994), e utiliza dos personagens de filmes clássicos e modernos para auxiliar na compreensão dos mecanismos desses transtornos. É uma obra de enorme qualidade e quantidade de informações, podendo ser utilizada por estudantes de saúde, bem como pesquisadores nessa extensão do cinema.

A ideia de dividir as representações em tópicos surgiu a partir do texto de apresentação do livro *Cinema e Loucura*, escrito por Francisco Lotufo Neto, professor associado do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Nessa apresentação da obra, ele fala um pouco sobre como o cinema tem representado o profissional da saúde mental, bem como as pessoas que buscam sua ajuda:

Além disso, inicia uma longa tradição do cinema de representar o psiquiatra e o portador de transtorno mental de forma estereotipada. Os profissionais são em geral cruéis, sádicos, pouco inteligentes, atrapalhados e, às vezes, maravilhosos, com intuição e sabedoria incríveis, capazes de desvendar de forma brilhante os mistérios arcanos da mente que atormentam infelizes e, assim, retirá-los das trevas. O paciente, é alguém de espírito livre e rebelde, um pouco homicida sem coração, um degradado vivendo afastado de todos, ou um narcisista, que vive parasitando os outros. Finalmente, há o gênio incompreendido, que, no final feliz, é o espírito iluminado da sociedade. (NETO in LANDEIRA-FERNADEZ; CHENIAUX, 2010, p.10)

Com isso em mente, percebeu-se que há certa recorrência dessas personalidades nas representações dos personagens com esse tipo de sofrimento, assim como Neto (2010) afirma. Esse tipo de estereotipo é recorrente, inclusive, em filmes de grandes bilheterias.

3.1. Os recortes

Considerar todos os filmes que possuem representações de sofrimentos psíquicos é uma margem muito grande para ser estudada. Por isso, este trabalho irá delimitar algumas obras cinematográficas que representaram os sofrimentos psíquicos de forma significativa para o cinema. Os filmes escolhidos como delimitação são apenas um referencial para o grande leque de filmes que existe nessa perspectiva da qual este trabalho irá tratar.

Foi possível observar que o formato e o gênero cinematográfico que a narrativa possui, tem bastante influência na forma de conduzir como será abordado o sofrimento do personagem. Desta forma, essas obras serão divididas por categorias, que foram construídas com a ajuda dos autores escolhidos, principalmente a partir do texto de Neto (2010), anteriormente citado. Categorias estas que são representadas de forma bastante recorrente nas obras cinematográficas, estando fortemente relacionadas ao gênero, sendo elas:

- O agressivo, perigoso, temido (terror)

Psicose (Alfred Hitchcock, 1960); *Precisamos Falar Sobre Kevin* (Lynne Ramsay, 2011), *O Iluminado* (Stanley Kubrick, 1980)

- O cômico, atrapalhado, bobalhão (comédia)

Procurando Dory (Andrew Stanton, Angus MacLane, 2016), *Eu, eu mesmo e Irene* (Bobby Farrelly, Peter Farrelly, 2000); *Debi & Loide* (Bobby Farrelly, Peter Farrelly, 1995); *Toc Toc* (Vicente Villanueva, 2017)

- O gênio incompreendido, subestimado (drama)

Rain Man (Barry Levinson, 1988); *Uma lição de amor* (Jessie Nelson, 2001), *O Solista* (Joe Wright, 2009)

Com inspiração na dissertação de Benoski (2004), os principais critérios para a escolha dos filmes foram:

- A representação do sofrimento psíquico de acordo com as categorias de análise;
- A importância do sofrimento psíquico no decorrer da narrativa;
- A influência do sofrimento psíquico nas atitudes dos personagens;
- A popularidade e importância histórica do filme.

Levando-se em conta que as representações podem ou não ser fiéis a realidade, este trabalho não busca determinar se foram feitas boas ou más representações nas obras escolhidas, apenas analisa de que forma elas foram feitas e quais sentidos podem suscitar.

Uma vez que as categorias foram estipuladas, tendo uma média de três filmes para representar cada categoria, escolheu-se uma delas para desmembrá-la mais profundamente, a comédia.

Optou-se pela comédia, tendo em vista que, para esta pesquisa, ela ofereceu mais artifícios de análise no âmbito de problematizar as representações, uma vez observado que nos filmes de terror ou drama, outras categorias aqui apresentadas, em geral apontam situações mais tendenciosas, tendo menos para discorrer em termos de representação.

A comédia foi o gênero escolhido por poder proporcionar exageros, entretenimento, e até mesmo reflexão, ao mesmo tempo em que tenta fazer humor com a situação. Ela pode conduzir o espectador a pensar sobre o assunto de forma desleixada e pouco sensata, exagerando na caracterização dos personagens, ou guia-lo para um olhar mais leve e humorado do problema.

Com a comédia definida como gênero como ponto de partida, escolheu-se dois filmes para serem analisados de forma comparativa, principalmente por possuírem diferentes abordagens quanto ao sofrimento do personagem.

4. ANÁLISE DOS FILMES ESCOLHIDOS

Escolher os filmes como recorte desta pesquisa é um passo importante na análise da representação dos sofrimentos psíquicos no cinema, partindo do princípio de que há vários perfis e categorias de análise possíveis de serem estudados.

Os filmes escolhidos foram:

- Procurando Dory (Andrew Stanton e Angus MacLane. 2016)
- Eu, eu mesmo e Irene (Bobby Farrelly e Peter Farrelly. 2000)

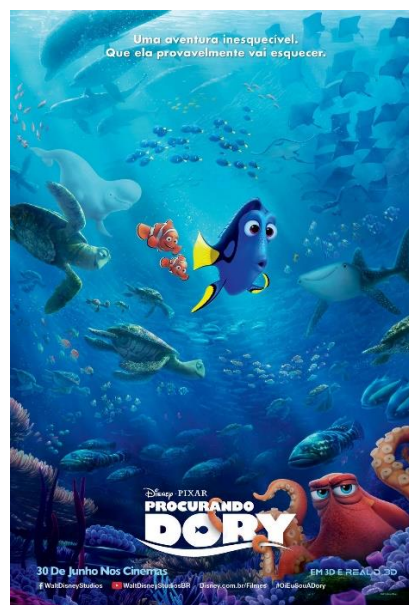


Figura 1: Cartaz filme Eu, Eu mesmo e Irene. (Fonte: site Adoro Cinema)⁴

Figura 2: Cartaz filme Procurando Dory. (Fonte: site Adoro Cinema)⁵

Essas obras foram selecionadas por utilizarem o humor como instrumento principal para apresentar a situação do personagem, de mesmo modo que usam diferentes abordagens para tal.

⁴Disponível em <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-25037/fotos/detalhe/?cmediafile=21016330>. Acessado em 23 de outubro de 2018

⁵Disponível em <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-210222/fotos/detalhe/?cmediafile=21320132>. Acessado em 23 de outubro de 2018

4.1. Dory e a perda de memória

Em *Procurando Dory* (2016), a história acompanha a vida da personagem Dory, que conquistou o público no sucesso de bilheteria *Procurando Nemo* (2003). Nesta continuação, o filme começa quando a “peixinha” se lembra dos pais e tenta encontrá-los, mas seu problema de memória acaba sendo um obstáculo, assim como já era apresentado no primeiro filme. Ela conta sempre com a ajuda dos amigos, novos e antigos, para resolver a trama do longa-metragem e encontrar sua família.

No filme que o antecede, *Procurando Nemo* (2003), o personagem principal Nemo, consegue atravessar o mundo e resolver a trama da história, mesmo com suas dificuldades de locomoção, causados por uma deficiência física, a “nadadeira da sorte”. Desta vez, o problema encontrado pela personagem Dory é de caráter cognitivo, retratando sua falta de memória de maneira simpática e cômica, que também não a impede de cruzar o oceano e buscar sua família.

A personagem aparentemente sofre de algum sofrimento relacionado a amnésia anterógrada, ou “perda de memória recente”, forma como a maioria das pessoas se refere ao problema de codificação de informação novas, que é a marca desse transtorno. Esse sofrimento faz com que ela tenha dificuldade para se lembrar das coisas, aprender e reter novas informações.

O trecho do DSM 5 (2014, p.335) que melhor se adequa a situação de Dory, apresenta os transtornos dissociativos, que se caracterizam pela descontinuidade da integração normal de consciência, memória, identidade, emoção, percepção e comportamento.

A amnésia dissociativa é caracterizada por incapacidade de recordar informações autobiográficas. Esse tipo de amnésia pode ser localizada (i.e., um evento ou período de tempo), seletiva (i.e., um aspecto específico de um evento) ou generalizada (i.e., identidade e história de vida). A amnésia dissociativa é basicamente uma incapacidade de recordar informações autobiográficas incompatível com o esquecimento normal. Ela pode ou não envolver viagens intencionais ou perambulação sem rumo (i.e., fuga).

O DSM 5 (2014, p.335) também explica que esse sofrimento geralmente é relacionado a alguma lesão, estresse, situação pós-traumática ou abuso de substâncias. Contudo, a circunstância que causou a perda de memória da personagem não é apresentada.

Sua condição também pode contemplar as pessoas diagnosticadas com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), exemplificado quando a personagem não consegue se concentrar para executar a maioria das tarefas, sendo sempre muito agitada e distraída, causando impaciência nos demais, que geralmente não conseguem compreendê-la ou ajudá-la.

O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), é caracterizado no DSM 5 (2014, p.76) como:

Um transtorno do neurodesenvolvimento definido por níveis prejudiciais de desatenção, desorganização e/ou hiperatividade-impulsividade. Desatenção e desorganização envolvem incapacidade de permanecer em uma tarefa, aparência de não ouvir e perda de materiais em níveis inconsistentes com a idade ou o nível de desenvolvimento. Hiperatividade-impulsividade implicam atividade excessiva, inquietação, incapacidade de permanecer sentado, intromissão em atividades de outros e incapacidade de aguardar – sintomas que são excessivos para a idade ou o nível de desenvolvimento. Na infância, o TDAH frequentemente se sobrepõe a transtornos em geral considerados “de externalização”, tais como o transtorno de oposição desafiante e o transtorno da conduta. O TDAH costuma persistir na vida adulta, resultando em prejuízos no funcionamento social, acadêmico e profissional.

O TDAH é um sofrimento psíquico bastante discutido atualmente, de modo que muitas crianças vêm sendo diagnosticadas desta forma, havendo, inclusive, uma banalização do transtorno. O filme permite que essas crianças se vejam em algumas atitudes ou situações da personagem, abrindo a possibilidade de um futuro diálogo mais descomplicado.



Figura 3 – Dory e as conchas⁶

O filme consegue abordar esse delicado assunto de forma sutil, fazendo com que as pessoas aprendam e entendam um pouco sobre saúde mental de maneira cômica e didática. Outras nuances da produção serão apresentadas no tópico de análise fílmica.

⁶Imagem obtida a partir da captura de tela do filme *Procurando Dory* (2016) em 1h25min29seg

4.2. Humor adulto

Em *Eu, eu mesmo e Irene* (2000), Jim Carrey interpreta um policial que sofreu muito na vida por ser uma pessoa bastante passiva. Quando ele se cansa da situação, sua nova, irritada e inconsequente personalidade aparece, onde, entre altos e baixos, ele precisa se salvar e salvar uma mulher de serem mortos por policiais corruptos.

No decorrer da narrativa, é apresentado um personagem ora com traços de esquizofrenia, ora com características de transtorno dissociativo de identidade, onde o politicamente correto e incorreto se alternam de acordo com a necessidade do protagonista.

A esquizofrenia é um distúrbio caracterizado por alterações no funcionamento da mente, provocando confusão dos pensamentos e das emoções, mudanças no comportamento, além de perda noção da realidade e do juízo crítico. No DSM 5 (2014, p.131), ela se caracteriza como um espectro, por possuir diferentes intensidades:

O espectro da esquizofrenia e outros transtornos psicóticos inclui esquizofrenia, outros transtornos psicóticos e transtorno (da personalidade) esquizotípica. Esses transtornos são definidos por anormalidades em um ou mais dos cinco domínios a seguir: delírios, alucinações, pensamento (discurso) desorganizado, comportamento motor grosseiramente desorganizado ou anormal (incluindo catatonia) e sintomas negativos.

Já o transtorno dissociativo de identidade é caracterizado pela presença de dois ou mais estados de personalidade distintos, manifestando frequentes alterações ou descontinuidades repentinas no senso de si mesmo e do domínio das próprias ações, além de amnésias dissociativas recorrentes, como informa o DSM 5 (2014, p.336):

A característica definidora do transtorno dissociativo de identidade é a presença de dois ou mais estados de personalidade distintos ou uma experiência de posse (Critério A). Entretanto, a manifestação ou dissimulação desses estados de personalidade variam em função da motivação psicológica, do nível de estresse, de conflitos e dinâmicas internas e da resiliência emocional. Períodos longos de perturbação da identidade podem ocorrer quando pressões psicossociais são graves e/ou prolongadas. Em muitos casos de transtorno dissociativo de identidade na forma de posse, e em uma pequena proporção de formas que não envolvem posse, as manifestações de identidades alternativas são bastante claras. A maioria dos indivíduos com transtorno dissociativo de identidade que não envolve posse não exibe abertamente a descontinuidade da identidade por períodos prolongados; apenas uma minoria se apresenta ao atendimento clínico com alternância observável de identidades.

Misturando diagnósticos e criando uma realidade inexistente, o filme gerou uma confusão, reafirmando ainda mais os estereótipos de ambos os transtornos, criando polêmica, fazendo com que uma associação de esquizofrênicos entrasse com um processo e exigindo retratação.

Uma das cenas que melhor demonstra essa desordem de transtornos criada pelo filme é o momento em que as duas personalidades do protagonista entram em conflito uma com a outra devido a um desentendimento na narrativa, de modo que, durante uma constante alteração de personalidades, o personagem briga consigo mesmo enquanto dirige um carro. Essa situação não caracteriza nem é plausível a nenhum dos transtornos apresentados até então.



Figura 4 – Charlie em conflito⁷

O filme apresenta de forma bastante cômica a realidade do personagem, servindo de comparativo por ter uma abordagem mais descuidada sobre os sofrimentos psíquicos, além de ter um olhar direcionado para o público adulto. Diferentes variantes desta obra serão desenvolvidas no tópico de análise fílmica.

4.3. Análise comparativa

Como parte do processo de análise entre os filmes aqui apresentados, foi desenvolvida uma tabela comparativa entre os mesmos, considerando seus dados gerais, bem como a forma que eles apresentam e fazem humor com o sofrimento psíquico do personagem no decorrer da narrativa

A forma como ambos os filmes criam humor com a condição do personagem é bastante distinta, por isso foram o foco de análise desta pesquisa. É evidente que o fato de um dos filmes ser mais direcionado ao público infantil, enquanto o outro possui uma abordagem mais adulta, gera notáveis diferenças nas produções. Obras como *Como se fosse a primeira vez* (Peter Segal, 2004), também apresentam dignamente o sofrimento psíquico através da comédia,

⁷ Imagem obtida a partir da captura de tela do filme *Eu, eu mesmo e Irene* (2000) em 1h36min26seg

sendo também a perda de memória da personagem o ponto central da narrativa, sem apresentá-la como incapaz. Contudo, na escolha dos filmes para a realização deste trabalho foi importante que uma das obras apresentadas fosse uma animação, não apenas para prestigiar a técnica, tampouco por ser a área que originou este texto, mas sim para reforçar que ela não é apenas um gênero narrativo, podendo tratar dos mais diversos assuntos, de modo que aqui busca-se analisar a representação dos sofrimentos psíquicos que os filmes trazem, bem como a influência que isso gera para os espectadores, independentemente da técnica em que foi realizada e do público ao qual se destina.

Por outro lado, é interessante analisar que ao mesmo tempo em que *Eu, eu mesmo e Irene* é aqui apresentado como filme destinado para adultos, ele acaba por apresentar um conteúdo menos maduro e sensato, quando comparado ao filme *Procurando Dory*.

	PROCURANDO DORY	EU, EU MESMO E IRENE
Ano e formato	2016, animação	2000, <i>live action</i>
Público alvo	Infantil, infanto-juvenil	Adulto
Produção/Estúdio	Andrew Stanton (Pixar)	Peter Farrelly e Bobby Farrelly
Transtorno apresentado	Perda de memória, TDAH	Esquizofrenia, transtorno dissociativo de identidade Ora sensível e passivo (Charlie), ora agressivo e impulsivo (Hank)
Forma de apresentação do transtorno	Dory tem um transtorno	Hank é o transtorno
Causa do transtorno	Desconhecida	Situação de extremo estresse, ausência de medicamentos.
Importância do transtorno para a narrativa	É a perda e a súbita recuperação de memória que faz com que a personagem percorra a trajetória do filme	Suas trocas de personalidade que auxiliam e atrapalham o personagem a percorrer a trajetória do filme.
As ações do personagem em função do transtorno	Agitação, esquecimento, desatenção, lapsos de memória	Mudança súbita de humor, possessão, amnésia de suas ações enquanto outra personalidade
Forma de gerar humor com o transtorno	A personagem é delicada e carismática, fazendo com que suas perdas de memória se tornem graciosas	A mudança de personalidade entre os extremos éticos criam um personagem ambigualmente forçado, o que gera humor

O filme *Procurando Dory* (2016) apresenta a situação da personagem de maneira cômica, mas ao mesmo tempo muito sutil. Talvez o espectador nem perceba que o filme

também tem essa abordagem sobre saúde mental, além da importância dos amigos e da família para passar pelas recorrentes dificuldades. A situação de Dory nunca é apresentada como algo que a impossibilita de fazer alguma coisa. O carisma da personagem está diretamente relacionada ao seu transtorno, entretanto, o cômico se encontra nas situações que seu sofrimento proporciona, e não no sofrimento em si.

Já no filme *Eu, eu mesmo e Irene* (2000), o sofrimento do personagem é o foco e o principal motivo do humor, além de, claro, a notória atuação de Jim Carrey, que sustenta grande parte da interpretação de seus personagens com excessivas expressões faciais e corporais, além das incontáveis situações inusitadas em que seus personagens constantemente se envolvem nas narrativas dos filmes que atua. Neste filme, a gritante diferença das suas personalidades cria um personagem ambigualmente exagerado, que aproveita de um humor mais adulto, despreocupado, para fazer rir. Uma marcante diferença entre os dois filmes é que Dory *tem* um transtorno, e Hank *é* o transtorno, fato que fica mais explícito na maneira como os filmes conduzem a narrativa.

É interessante pensar que o próprio gênero pode igualmente se desdobrar em várias modalidades, apresentando diferentes abordagens, tom e propósito com que o humor é utilizado, e meios de se fazer rir. NOGUEIRA (2010) apresenta em seu livro *Gêneros Cinematográficos* onze diferentes abordagens de humor nos filmes de comédia. Dito isso, pode-se dizer que em *Eu, eu mesmo e Irene* a abordagem comédia é um humor mais físico, sarcástico, ridículo, não se importando ou dando insignificância a certos valores. Já o humor de *Procurando Dory*, é mais espirituoso e elegante, apresentando um humor mais inofensivo e inocente, característica sempre presente nos filmes da *Pixar*, estúdio que o produziu, de modo que, no decorrer desta pesquisa, notou-se que o estúdio/diretor realizadores do filme, tem grande impacto em sua composição.

A *Pixar* é conhecida por ser um estúdio que produz filmes sensíveis, que dialogam não somente com o público infantil, como também com o público adulto. Ela desenvolve geralmente filmes de humor, com uma linguagem simples e direta, que muitas vezes tem como segundo plano abordar um assunto importante. *Divertidamente* (Pete Docter e Ronnie Del Carmen, 2015), por exemplo, também fala de forma leve e descontraída sobre saúde mental, priorizando as emoções e o convívio familiar.

Já os irmãos Farrelly, os produtores de *Eu, eu mesmo e Irene*, têm histórico de fazer filmes de comédia com teor mais desinteligente e despreocupado, a típica comédia pastelão, que provoca o riso com violência física, personagens palermas, piadas forçadas, muitas vezes até ofensivas. Nota-se isso também em suas outras produções como a trilogia *Debi e Loide*

(1994, 2003 e 2014), que além de apresentar personagens intencionalmente estúpidos e piadas pouco elaboradas, possui na própria tradução do título uma analogia pejorativa a deficiência intelectual.

Contudo, é importante lembrar que em ambos os filmes analisados, mesmo com as dificuldades que o transtorno traz consigo, os personagens conseguem cumprir o desafio desenvolvido pela narrativa e alcançam seu objetivo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com todo o percurso e processo de pesquisa desenvolvido até aqui, foi visto que inúmeras representações dos sofrimentos psíquicos são facilmente encontradas no cinema, partindo da escolha de dois filmes que pudessem exemplificar as diferentes formas de se realizar isso. Escolhendo a comédia como ponto de partida, foi analisado as diferentes abordagens e os resultados que elas implicam diante da proposta de fazer o espectador rir.

Através do paralelo entre a história psicossocial da loucura e o próximo surgimento do cinema e das representações por ele apresentadas e aqui desenvolvidas, foi possível perceber como a imagem dos sofrimentos psíquicos foi socialmente construída. Desta forma, é possível afirmar que a representação dos sofrimentos psíquicos nas produções cinematográficas tem relação direta com a construção histórica dos mesmos, sendo em sua maioria excludente e temível. O cinema é uma importante ferramenta de construção de ideias, podendo desmistificar esses preconceitos ou, muitas vezes, reforçá-los. Dito isso, já que o ramo audiovisual e suas obras têm grande impacto no cotidiano das pessoas, se reafirma a necessidade de avaliar as informações que são transmitidas nas narrativas.

Foi observado que o cinema trabalha com representações, por isso não necessita ter contato direto com a realidade, mas que toda informação apresentada tem forte impacto com o que se entende como verdade, principalmente quando o assunto abordado trata diretamente sobre a realidade de um determinado grupo.

Os filmes analisados possuem o mesmo gênero narrativo, a comédia, contudo apresentam diferentes abordagens para realiza-la. Para se ter um filme de comédia de sucesso, é necessário conseguir provocar riso no espectador, mas esta também é uma problemática. Riso as custas de quem? Já que o assunto abordado necessita humanidade e delicadeza, por fazer humor através do sofrimento do outro, partiu-se disso para analisar diretamente os filmes, onde um deles se mostrou mais sensível, e o outro mais despreocupado.

Uma vez que os filmes passem a apresentar a “loucura” como algo a ser incluído nas obras, sem ter relação com medo ou deboche, consequentemente será aos poucos internalizado que as pessoas nessas situações não necessitam ser temidas ou zombadas, mas que apenas apresentam problemas e precisam de ajuda, como qualquer outro indivíduo. É possível sim falar sobre loucura no cinema sem ser ofensivo, e ainda sim fazer as pessoas rirem. A partir do momento que se estuda e conhece a realidade dos sofrimentos psíquicos, deixando de lado o senso comum e o preconceito, pode-se realizar uma boa obra, inclusive comédias.

É interessante observar que, com a conscientização da imagem humana e evolução dos estudos sobre a mente, aparentemente essa representação passou a evoluir, usando nas obras cinematográficas personagens menos caricaturais. Uma vez que esses personagens sejam mais realistas, existe a possibilidade desses filmes serem usados como alternativa terapêutica para que a pessoa com algum tipo de sofrimentos psíquicos possa se ver nos personagens, ou filmes que não tenham essa temática, para simples lazer e divertimento dos pacientes.

Deste modo, a partir do presente trabalho, pretende-se construir uma dissertação de mestrado que discorra sobre o cinema como alternativa de intervenção terapêutica.

6. REFERÊNCIAS

- BELFORT, C. **Loucura, doença ou sofrimento psíquico?** Estadão online. Disponível em <<https://brasil.estadao.com.br/blogs/sinapses/loucura-doenca-ou-sofrimento-psiquico/>>. Acesso em 23 out. 2018
- BENOSKI, D. A. *Cinema: representação e loucura*. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- CAMARGO, S. Um Olhar Sobre a Loucura de Foucault. *Científico*, Salvador. Ano III, v. I, jan./jun., 2003.
- CAMPOS, M. C. A Loucura no Cinema: a representação da Loucura em Persona. In: III Eneimagem - Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 2011, Londrina. Anais [do] III Encontro Nacional de Estudos da Imagem, p. 2112-2126, mai, 2011.
- DIAGNOSTIC AND STATISTICAL MANUAL OF MENTAL DISORDERS - DSM-5. 5.ed. Washington: American Psychiatric Association, 2013. - Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. trad. Maria Inês Corrêa Nascimento ... [et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. 5.ed. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em <<https://aempreendedora.com.br/wp-content/uploads/2017/04/Manual-Diagn%C3%B3stico-e-Estat%C3%ADstico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5.pdf>> Acesso em 23 out. 2018
- GABBARD, G., GABBARD, K. (1999). *Psychiatry and the cinema*, 2nd Edition. Washington, D.C.: American Psychiatric Press.
- JANUARIO, L. M.; TAFURI, M. I. O sofrimento psíquico grave e a clínica com crianças. *Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza*, v. 9, n. 2, p. 527-550, jun. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 23 out. 2018.
- LANDEIRA-FERNADEZ, J. CHENIAUX, E. *Cinema e loucura: conhecendo os transtornos mentais através dos filmes*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- MENDONÇA, F. A psicologia de Caligari e o prenúncio do surrealismo social. *Revista Moviement*, 2016. Disponível em <<https://revistamoviement.net/a-psicologia-de-caligari-e-o-pren%C3%BAncio-do-surrealismo-social-5fc5ae893032>>. Acesso em 04 dez. 2018.

NOGUEIRA, L. **Manuais de Cinema II: Gêneros Cinematográficos**. Covilhã: Livros LabCom, 2010. Disponível em http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/nogueira-manual_II_generos_cinematograficos.pdf. Acesso em 18 nov. 2018.

PRADO, G. A. S. Revisitando a História da loucura: experiência trágica, exclusão, captura e tutela. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*. Campos dos Goytacazes. v. 6, nº 2. Pág. 223-238, 2016.

7. REFERÊNCIAS FÍLMICAS

- COMO se fosse a primeira vez. Direção Peter Segal. EUA: Columbia Pictures Corporation, Happy Madison Productions, Anonymous Content e Flower Films. 2004.
- DEBI & Loid. Direção Peter Farrelly e Bobby Farrelly. EUA: New Line Cinema e Motion Picture Corporation of America, 1994.
- DIVERTIDAMENTE. Direção Pete Docter e Ronnie Del Carmen. EUA: Pixar Animation Studios e Walt Disney Pictures. 2015.
- EU, eu mesmo e Irene. Direção Bobby Farrelly, Peter Farrelly. EUA: Twentieth Century Fox e Conundrum Entertainment, 2000.
- FRANKENSTEIN. Direção James Whale. EUA: Universal Pictures, 1931.
- M, o vampiro de Dusseldorf. Direção Fritz Lang. Alemanha: Nero-Film AG, 1931.
- O FABULOSO destino de Amélie Poulain. Direção Jean-Pierre Jeunet. França e Alemanha: Claudie Ossard Productions, Union Générale Cinématographique, Victoires Productions, Tapioca Films, France 3 Cinéma, MMC Independent, Sofica Sofinergie 5, Filmstiftung Nordrhein-Westfalen e Canal+. 2001.
- O GABINETE do Dr. Caligari. Direção Robert Wiene. Alemanha: Decla-Bioscop AG, 1920.
- O ILUMINADO. Direção Stanley Kubrick. Reino Unido e EUA: Warner Bros., Hawk Films e Peregrine, 1980.
- O SOLISTA. Direção Joe Wright. Reino Unido, França e EUA: DreamWorks e Universal Pictures, 2009.
- PRECISAMOS Falar Sobre Kevin. Direção Lynne Ramsay. Reino Unido e EUA: BBC Films e UK Film Council, 2011.
- PROCURANDO Dory. Direção Andrew Stanton e Angus MacLane. EUA: Pixar Animation Studios e Walt Disney Pictures, 2016.
- PROCURANDO Nemo. Direção Andrew Stanton e Lee Unkrich. EUA: Pixar Animation Studios e Walt Disney Pictures, 2003.
- PSICOSE. Direção Alfred Hitchcock. EUA: Shamley Productions, 1960.
- RAIN man. Direção Barry Levinson. USA: United Artists, The Guber-Peters Company, Star Partners II Ltd. e Mirage Enterprises, 1988.
- TOC toc. Direção Vicente Villanueva. Espanha: Atresmedia Cine, Atresmedia, Cosmopolitan TV, Lazonafilms Movistar e Wind Films, 2017.
- UM CÃO andaluz. Direção Luis Buñuel. França: Continental. 1929.

UMA LIÇÃO de amor. Direção Jessie Nelson. EUA: New Line Cinema, Avery Pix, The Bedford Falls Company e Red Fish Blue Fish Films, 2001.